

**Para as entrevistadas, o conceito da mulher indiana é um mito criado pelos antropólogos da Europa e América do Norte**

**C.S. Lakshmi e Dr<sup>a</sup>.Shoba Venkatesh Ghosh são mulheres indianas e administradoras da Organização SPARROW - Arquivos de Imagem e Som sobre as Mulheres.**

**MMPB - O que é o SPARROW e quando foi fundada?**

**C.S. Lakshmi** - O SPARROW é um arquivo de mulheres. SPARROW significa "Sound & Picture Archives for Research on Women" (Arquivos de Imagem e Som sobre as Mulheres). Foi fundado em 1988.

**MMPB - Quais os principais dos projetos desenvolvidos pelo SPARROW?**

**C.S. Lakshmi** - Os projetos do SPARROW são baseados principalmente na história oral e nas imagens, que incluem trabalhos de documentação. Seu trabalho foca na gravação, coleção e revisão de documentos e nas reflexões sobre as lutas e conquistas nas vidas das mulheres e na história. O nosso site pode ser visitado para se obter mais informações sobre os projetos: [www.sparrowonline.org](http://www.sparrowonline.org)

**MMPB - Como você define a mulher oriental, especialmente na Índia?**

**C.S. Lakshmi** - O conceito de mulher indiana é um mito criado pelos antropólogos do "oeste" (Europa e América do Norte). É necessário perguntar às próprias mulheres para que elas mesmas definam quem são. Nós não nos vemos como orientais.

**Dr<sup>a</sup>.Shoba Venkatesh Ghosh** - Lamentamos que ainda se usem termos totalizantes como 'mulheres orientais'. A categoria 'oriental' foi gerada pelas teorias epistemológicas e discursos coloniais. Um termo assim viola as diferentes especificações das vidas das mulheres num continente vasto e heterogêneo. Como mulheres indianas - que também é uma categoria diversa e heterogênea - nós respeitamos as diferenças de locais diferentes, mesmo quando tentamos achar pontos em comum e de contato.

**MMPB - Como veem a percepção que as mulheres ocidentais têm das indianas?**

**Dr<sup>a</sup>.Shoba Venkatesh Ghosh** - O termo 'mulher ocidental' é também problemático, porque o 'oeste' também tem muitas realidades. Porém, somos confrontadas muitas vezes com os discursos dominantes do 'norte global' que exotiza ou objetifica as mulheres do 'sul global'.

**MMPB - Como é que a mulher indiana analisa as mulheres ocidentais e o estilo de vida delas?**

**C.S. Lakshmi** - Hoje em dia, com a globalização, não existem mais tantas diferenças nos estilos de vida - as mulheres nas cidades no mundo todo são similares, mas também as mulheres no campo. É apenas uma questão de escala.

**MMPB - A economia indiana é uma das que mais crescem no mundo. Qual o impacto disso na vida das mulheres nas áreas urbanas e rurais?**

**C.S. Lakshmi** - Como a economia de qualquer país, a economia indiana tem um impacto significativo na vida feminina nas áreas urbanas e rurais. O crescimento da indústria, a proliferação da educação, do transporte público, da disponibilização de serviços de saúde

e de uma infraestrutura básica como água e eletricidade mudaram a vida de muitas mulheres nas duas áreas significativamente. Nas áreas urbanas, as mudanças são mais

visíveis, e aí as mulheres têm mais consciência do que podem exigir. Existe uma grande diferença entre a mulher urbana e a mulher rural, mas é importante compreender que a mulher rural não quer simplesmente ser uma mulher urbana. Ela quer uma vida com dignidade, respeito e direitos econômicos na área onde reside.

**Drª. Shoba Venkatesh Ghosh** - É importante considerar que os problemas que as mulheres rurais na Índia confrontam têm muito a ver com a ordem econômica específica da Índia como também com a ordem global da economia.

**MMPB - Como as tradições e a influência persistente do sistema das castas dificultam a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres em geral?**

**C.S. Lakshmi** - É preciso compreender que as tradições estão num processo contínuo de mudança e que não são estáticas. Em relação ao sistema das castas, impede igualdade em geral. A igualdade de gênero é parte disso. Esta desigualdade pode ser vista em termos de socialização, mas, além das castas, o sistema de classes também tem um papel significativo no impedimento da igualdade. Nas áreas urbanas, a casta não tem tanto impacto. Já nas áreas rurais, ainda determina o estado do indivíduo. Nos projetos de desenvolvimento que visam o empoderamento das mulheres, a casta não é tida como critério, mas é considerada no âmbito de educação e do aumento de possibilidades para as não-privilegiadas, como, por exemplo, na reserva de vagas de trabalho e de estudo.

**MMPB - Quais são, hoje em dia, os maiores desafios das indianas em relação aos direitos sexuais e reprodutivos?**

**C.S. Lakshmi** - O maior desafio ainda é que uma criança menina é vista como um fardo, que dá trabalho e custa muito, visto que os pais precisam pagar um dote ao marido quando casam suas filhas.

**MMPB - O Kama Sutra foi criado na Índia e apresenta uma arte religiosa sensual. Podemos considerar isso uma contradição nos dias atuais com a aparente pouca liberdade sexual que as indianas têm?**

**C.S. Lakshmi** - Tem que se definir o que é a liberdade sexual. Seria as mulheres poderem ter relações sexuais antes de casar ou casos fora do casamento? É só isso a liberdade sexual? Em qualquer sociedade existe sexo antes do casamento e casos de traição, e também na Índia. Talvez não se fale sobre isso em público – mas as mulheres ocidentais também não falam sobre isso. Nós achamos que está na hora de nos livrarmos da noção que as mulheres ocidentais são liberadas sexualmente somente porque algumas delas queimaram seus sutiãs. Além disso, as pessoas tendem a ver a cultura da Índia como uma cultura só, mas a sociedade indiana é diversa, com culturas diversas, modos de viver e de se vestir muito diferentes uns dos outros.

**Drª. Shoba Venkatesh Ghosh** – Infelizmente a questão da sexualidade das mulheres indianas é sempre vista pela lente do Kama Sutra, que foi reduzido a um ritual sexual (geralmente pelos orientalistas do ‘oeste’) como uma expressão civilizacional de atitudes e comportamentos sexuais. Mas o Kama Sutra é um documento da história e é só uma entre várias vozes discordantes. É complicado distinguir entre um ‘ocidente’ sexualmente liberado e um ‘oriente’ sexualmente oprimido. São assuntos complexos que precisam ser discutidos fora de tais generalizações bipolares. Quando nós olharmos ao ‘oeste’ vemos muitas contradições. Muitas vezes estamos chocados com a fácil equiparação da

liberdade das mulheres em liberdade sexual. Nós preferimos uma visão mais enciclopédica do empoderamento, em que a subjetividade sexual da mulher é um dos assuntos, mas não o único. Claro, têm muitas mulheres indianas que sofrem de opressão sexual e controle. Entretanto, muitas negociam e resistem de maneiras corajosas e criativas nos contextos específicos delas. O controle da sexualidade das mulheres é um assunto comum em todas as culturas, mas acontece de formas diferentes, às vezes mais óbvias, às vezes mais sutis.

#### **MMPB - Qual o papel da mulher indiana na sociedade e na vida cultural?**

**C.S. Lakshmi** - A mulher indiana em todas as regiões da Índia possui um papel muito importante na vida cultural – seja na música, na dança, nas pinturas, no artesanato, na literatura e muitas outras tradições de performance.

#### **MMPB - Qual a situação atual da participação feminina na política e nos movimentos sociais?**

**C.S. Lakshmi** - A participação feminina na política parece estar até melhor que em muitos países ocidentais. Houve muito engajamento de mulheres nos movimentos sociais de nossa história e também em nosso movimento de libertação.

Entrevista realizada por Alessandra Soares Muniz Gomes, editora e jornalista responsável pelo site [www.maismulheresnopoderbrasil.com.br](http://www.maismulheresnopoderbrasil.com.br), e Janna Greve, cientista política alemã / Tradução: Janna Greve

### ***Os Vários Caminhos das Indianas***

Artigo de Janna Greve, cientista política alemã, que atualmente trabalha em Auroville, no estado de Tamil Nadu, Índia

Enquanto passava uma bela novela sobre a Índia na televisão brasileira, mais uma vez o que foi mostrado foram fragmentos da realidade, com foco numa minoria da população – nos ricos e belos – e em pequenos problemas deles, enquanto na vida real a maioria da população vive na pobreza e miséria. Na Índia, como em todos os países do mundo, quem sofre mais com os problemas sociais são os marginalizados, dos quais as mulheres, na maioria dos casos, fazem parte.

Como revela o “Relatório Global de Gênero 2009”, publicado pelo Fórum Econômico Global, ainda há grandes diferenças entre homens e mulheres na Índia, onde as mulheres são os mais desfavorecidos da sociedade. A população feminina tem pouca escolaridade e alta taxa de analfabetismo. O salário das mulheres, em média, é muito mais baixo que os masculinos, e quase não existem mulheres em altos cargos, como nas áreas de gestão. Há também pouca representatividade feminina na política, nas posições parlamentares, ministeriais e nos processos de decisão. E ainda quase não existe a divisão de tarefas domésticas entre os sexos, persistindo a tradição de que a mulher faça tudo em casa, complicando suas vidas quando quer obter um cargo mais alto ou exigente.

Enquanto a constituição da Índia promete igualdade de direitos e privilégios entre homens e mulheres, a realidade é outra: no ranking do Relatório, a Índia aparece na 114ª posição entre os 134 países observados, um resultado desfavorável e fatal para o desenvolvimento atual do país.

As causas para a situação atual são várias: falta de educação, sistema de castas, religião, cultura, raça, sistema econômico, atitudes na sociedade, etc. Como foi dito na entrevista com o SPARROW, um dos maiores problemas é a desvalorização de crianças meninas, especialmente na área rural. As meninas normalmente recebem menos comida, menos educação, menos assistência familiar em geral. Isso prejudica o desenvolvimento de conhecimentos essenciais para uma vida independente e para uma participação ativa e visível na vida cultural/política/econômica – e, assim, contribui para a subordinação contínua da mulher.

Porém, organizações, iniciativas e medidas foram criadas e tomadas por ONGs, governo ou por indivíduos para melhorar a situação da mulher indiana, com o objetivo de combater a discriminação e para aumentar a autoconfiança das mulheres, trabalhos que trazem muitas mudanças positivas, como maior atenção e sensibilização para os direitos, assuntos e necessidades específicas de mulheres. Um exemplo é a autora Arundhati Roy, que trabalha para a conservação do meio ambiente e para um sistema econômico justo, uma das mulheres indianas que lutam para alcançar objetivos femininos, ficando conhecida por isso no mundo inteiro.

Mas, como foi sublinhado na entrevista com as mulheres do SPARROW, tem que se tomar cuidado ao interpretar a situação e o papel da mulher indiana com um 'olhar de fora' e fazer comparações com a cultura do 'oeste ou ocidental'. As nossas liberdades e conquistas não são o ideal para todo o mundo: não tem só uma verdade, um caminho, um estilo de vida que leva para a liberdade e felicidade das mulheres. A realidade de vida das mulheres na Índia é complexa e diversa. Porém, não podemos esquecer os direitos humanos das mulheres, e estes devem ser respeitados e defendidos em qualquer lugar do mundo.